



¿Qué se fizo aquel Trobar?

LA POESÍA DE CANCIONERO
AYER Y HOY

Cleofé Tato (ed.)

*«¿QUÉ SE FIZO AQUEL TROBAR?»:
LA POESÍA DE CANCIONERO AYER Y HOY*

Cleofé Tato (ed.)

A Coruña, 2023

Universidade da Coruña
Servizo de Publicacións

«¿QUÉ SE FIZO AQUEL TROBAR?»: LA POESÍA DE CACIONERO AYER Y HOY

Cleofé Tato (ed.)

Colección: *Cacionero general*, 1

A Coruña, 2023

Servizo de Publicacións, Universidade da Coruña

532 páginas

ISBN: 978-84-9749-878-4

Depósito legal: C 2061-2023

Las contribuciones a este volumen han sido valoradas por evaluadores externos, mediante el sistema doble ciego de revisión por pares, para garantizar su calidad científica.

© Los autores

© De esta edición: Servizo de Publicacións, Universidade da Coruña

Edición: Universidade da Coruña (<http://www.udc.es/publicaciones>)

Imprime: Lugami

Reservados todos los derechos. Quedan prohibidas la reproducción total o parcial de esta obra, sin el permiso previo y por escrito de los titulares del *copyright*, por cualquier medio o procedimiento mecánico o electrónico (actual o futuro), incluyendo fotocopias y la difusión por internet.

ÍNDICE

INTRODUCCIÓN	VII
I. TRANSMISIÓN Y EDICIÓN DE TEXTOS	
FABIO BARBERINI <i>¿Una «pecía» en la «pecía»? Alfonso X en el «Cancionero Colocci-Brancuti».....</i>	3
MANUEL FERREIRO <i>No universo das cantigas de amigo: algunbas reflexións textuais.....</i>	19
JOSEP LLUÍS MARTOS <i>La «Salve Regina» de Pere Vilaspinosa: «collatio» subyacente y edición crítica de un testimonio único</i>	41
MARIA ANA RAMOS <i>A dupla cópia de cantigas. Implicações para a tradição manuscrita galego-portuguesa.....</i>	69
SARA RUSSO <i>Las huellas de un copista/ lector en las glosas de Santillana a los «Proverbios».....</i>	87
JAVIER TOSAR <i>Notas sobre la transmisión de la contienda poética entre Agraz y Marmolejo.....</i>	99
JANE WHETNALL <i>El desatendido manuscrito parisino PN12 (BnF, esp. 313) y su ubicación en el «stemma» de los cancioneros napolitanos de la tradición «a» de Varvaro.....</i>	111
ANDREA ZINATO <i>Prolegómenos a la edición de los «poëtae veteres»: algunas consideraciones.....</i>	137
II. AUTORES	
ÁLVARO BUSTOS <i>Los villancicos cancioneriles de Lucas Fernández: aproximación y propuestas de estudio.....</i>	159
LUCÍA MOSQUERA NOVOA <i>Las categorías poéticas en la obra de Juan de Torres, poeta del siglo XV.....</i>	175
FRANCISCO JAVIER NOVOA BLANCO <i>La poesía de Gabriel «el músico» en el «Cancionero general».....</i>	187
SARA RODRIGUES DE SOUSA <i>Pero de Sousa Ribeiro, poeta do «Cancioneiro Geral» de Garcia de Resende.....</i>	199
III. GÉNEROS, FORMAS Y MÉTRICA	
HELENA MARQUES ANTUNES <i>Plurilinguismo e interaçãõ cultural no «Cancioneiro Geral».....</i>	213
VIRGINIE DUMANOIR <i>Textos y contextos en el romancero histórico de los Trastámara: el ejemplo del romance «Arcebispo de Çaragoça».....</i>	223
FERNANDO GÓMEZ REDONDO <i>La heterometría de cuño castellano: las probaturas estróficas del arte menor.....</i>	239
DÉBORAH GONZÁLEZ <i>Redes socioculturais da lírica galego-portuguesa: sobre os autores das tenzõns.....</i>	279
NATALIA ANAÍAS MANGAS NAVARRO <i>La identidad genérica de la «Criança y virtuosa doutrina», de Pedro de Gracia Dei.....</i>	293
MASSIMO MARINI <i>«Romances ejemplares»: el rey don Sancho y el cerco de Zamora.....</i>	305

IV. TEMAS, TÓPICOS Y TRADICIONES

MARIA ISABEL MORÁN CABANAS	
<i>Porque bejaram a capa de Diogo Brandão? Monjas e aventuras conventuais no «Cancioneiro Geral» à luz da tradição satírica.....</i>	319
XABIER RON FERNÁNDEZ	
<i>«O bel semblan» desde a lírica trobadoresca ate a poesía cancioneiril.....</i>	335
MARIA GRACIETE GOMES DA SILVA	
<i>Entre paródia e enigma: a prisão de mulheres no «Cancioneiro Geral».....</i>	349
ISABELLA TOMASSETTI	
<i>Petrarquismos y petrarquistas en la poesía castellana del siglo XV: una aproximación filológica.....</i>	361
YARA FRATESCHI VIEIRA	
<i>A amizade no universo feminino das cantigas de amigo.....</i>	387

V. ECOS Y PERVIVENCIAS

PATRIZIA BOTTA	
<i>Los 23 poemas únicos del Ms. Corsini 625.....</i>	401
CARME FERNÁNDEZ PÉREZ-SANJULIÁN	
<i>Xobán de Isorna, un trobador na corte de Xelmírez.....</i>	411
FILIPE ALVES MOREIRA	
<i>A receção da poesía cancioneiril no século XVIII: um manuscrito atribuído a D. Diogo de Meneses, clareiro da Ordem de Cristo</i>	423
ANA MARGARIDA OLIVEIRA SILVA	
<i>«Cancioneiro Juromenba»: um valioso testemunho da obra de Jorge Fernandes, «o Fradinho da Rainha».....</i>	435
ERICA VERDUCCI	
<i>«Justamente el hierro pesa»: una glosa de Lope a una copla famosa de Jorge Manrique.....</i>	443

VI. HISTORIOGRAFÍA DE LOS ESTUDIOS CANCIONERILES

MARIANO DE LA CAMPA	
<i>Algunas precisiones para la historiografía de los estudios sobre poesía de cancionero en el siglo XIX.....</i>	457
ÁNGEL GÓMEZ MORENO	
<i>El Marqués de Santillana en los inicios de la Filología, la Historia literaria y cultural.....</i>	469
JOSÉ IGNACIO PÉREZ PASCUAL	
<i>Una red de relaciones para el estudio de la poesía gallego-portuguesa.....</i>	487
CLEOFÉ TATO	
<i>Las «Memorias para la historia de la poesía y poetas españoles», de Martín Sarmiento: avatares de su publicación.....</i>	501

*A receção da poesia cancioneril no século XVIII: um manuscrito atribuído a D. Diogo de Meneses, clareiro da Ordem de Cristo**

The reception of songbook poetry in the 18th century: an unpublished songbook attributed to D. Diogo de Meneses, clareiro of the Order of Christ

FILIPE ALVES MOREIRA

IF/Universidade do Porto e Universidade Aberta

RESUMO: O COD. 13467 da Biblioteca Nacional de Portugal, até agora desconhecido da comunidade académica, é um manuscrito literário do século XVIII que se apresenta como sendo uma cópia de outro datado de 1508 e cujos conteúdos terão sido compostos no ano de 1498; contém todas as composições coletivas do *Cancioneiro Geral* de Garcia de Resende nas quais participa D. Diogo de Meneses, bem como uma *Vida do autor* e, no final, um conjunto de sonetos e elegias em espanhol. A existência deste manuscrito e o facto de D. Diogo de Meneses ser um poeta menor do *Cancioneiro Geral* levantam questões interessantes. Este trabalho apresenta o manuscrito e defende a hipótese de tratar-se de uma mistificação ou ficcionalização baseada no *Cancioneiro Geral*, em cancioneiros manuscritos e em informações fornecidas por bibliógrafos da Época Moderna.

PALAVRAS-CHAVE: Cancioneiros; *Cancioneiro Geral*; Diogo de Meneses; *Cancioneiro de Luís Franco Correia*; receção.

ABSTRACT: The COD. 13467 of the National Library of Portugal, until now ignored by the academic community, is a poetic manuscript of the eighteenth century that claims to be a copy of a manuscript dated 1508 and whose contents would have been composed in the year 1498. This manuscript contains all the collective compositions present in the *Cancioneiro Geral* compiled by Garcia de Resende in which D. Diogo de Meneses participates, as well as a *Life of the author* and, at the end, a set of sonnets and elegies in Spanish. The existence of this manuscript and the fact that D. Diogo de Meneses is a minor poet of the *Cancioneiro Geral* raises interesting questions. This work presents this manuscript, proposing the hypothesis that it is a mystification or fictionalization based on the *Cancioneiro Geral*, on manuscript songbooks of the sixteenth century and on information provided by bibliographers of the modern era.

KEY WORDS: Songbooks; *Cancioneiro Geral*; Diogo de Meneses; *Cancioneiro de Luís Franco Correia*; reception.

O COD. 13467 da Biblioteca Nacional de Portugal (BITAGAP Manid 7247) é um curioso e interessante manuscrito, desconhecido e ainda não estudado.

* Trabalho financiado pela «Fundação para a Ciência e a Tecnologia»: DL57/2016/CP1367/CT002.

Trata-se de uma miscelânea literária que contém, exclusivamente, poemas, entre os que estão várias composições presentes no *Cancioneiro Geral* de Garcia de Resende (1516), mas supostamente copiadas a partir de manuscritos anteriores. Este facto levanta um conjunto de interessantes questões. Como é sabido, não se conhece nenhum dos materiais poéticos em que Garcia de Resende baseou a sua compilação (Osório, 2005), nem nenhuma recolha manuscrita de poesia portuguesa de corte do século XV e princípios do século XVI autónoma e anterior ao *Cancioneiro Geral*. O mencionado códice da Biblioteca Nacional pode, por isso, ser uma amostra única, embora indireta e tardia, de um universo desconhecido. Mas estaremos realmente perante um testemunho de materiais prévios à compilação de Resende, ou, pelo contrário, perante uma mistificação criada no século XVIII a partir do *Cancioneiro Geral* e de outras recolhas poéticas, devendo, por isso, ser considerada enquanto parte da receção da poesia cancioneril? Nas páginas que seguem procurarei responder a esta pergunta.

O MANUSCRITO. RELAÇÃO COM O *CANCIONEIRO GERAL*

O COD. 13467 da Biblioteca Nacional de Portugal —que passarei a designar, simplesmente, por «Manuscrito» em maiúscula para evitar confusões— é um códice em papel, de pequenas dimensões (21 * 14 cm), com [3] + 52 + [11] fólios com numeração moderna a lápis e encadernação de cartão forrada com papel de fantasia. A letra (toda da mesma mão) parece situá-lo nos finais do século XVIII. De acordo com a base de dados interna da Biblioteca Nacional, foi adquirido num leilão realizado em 2011, em Lisboa, pela leiloeira «Palácio do Correio Velho» e conserva o marcador com o seu logotipo, bem como o número que então lhe foi atribuído, o 546. Este mesmo número foi escrito, a lápis, no canto superior direito da folha de guarda, certamente pelo pessoal do «Correio Velho». Não pude identificar a proveniência, mas a lombada ostenta o que parece ser uma antiga cota: 557.

O Manuscrito tem um título geral (f. 1r) e uma portada (f. 2r). O título é: *Obras poéticas de Dom Dioguo de Menezes claveiro*. A portada, por sua vez, diz: «Obras poéticas de Dom Dioguo de Menezes o claveiro nunca the qui empresas copiadas da letra do mesmo autor em em [sic] o anno de 1508. e compostas em .1498». Apresenta-se, portanto, como cópia de uma cópia autógrafa, escrita pelo mesmo D. Diogo de Meneses, claveiro da Ordem de Cristo¹ e, aparentemente, destinava-se à impressão. O Manuscrito terá, inclusivamente, preservado as características ortográficas e linguísticas dessa cópia autógrafa de 1508, conforme nos é dito numa

¹ Pouco se sabe sobre esta figura histórica, que viveu entre 1474 e 1540 (ou 1541): era filho de D. Fernando de Meneses, «o Narizes», e neto do famoso D. Duarte de Meneses, capitão de Alcácer-Ceguer. Veja-se a síntese de Freire, 1901: 41-42; dados adicionais em Vasconcelos, 2008, I: 452-453. Sobre o título e as funções de claveiro (ou craveiro, forma mais comum no século XV) da Ordem de Cristo, veja-se Viterbo, 1865: 194 e Vasconcelos, 1998: 87, que transcreve uma normativa da Ordem de Cristo, datada de 1503.

«Adevertensia» que antecede o início da recolha poética: «Vão copyadas da mesma sorte que seu autor as escreveu sê que se lhe mudasse cousa alguma da sua ortografia o sentido o palabra não mais que por letra grande ao princio [sic] dos versos porque no original estão piquenas» (6v).

O conteúdo é o seguinte: começa com uma «Vida do autor», D. Diogo de Meneses, provavelmente composta pelo copista do século XVIII (ff. 3r-6r), a que se segue a «Advertência» a que já me referi; vem depois uma série de cinco composições coletivas presentes no *Cancioneiro Geral*, que são todas aquelas em que D. Diogo de Meneses participou. A ordem por que surgem é idêntica à do *Cancioneiro Geral*, com exceção das duas iniciais: no *Cancioneiro*, aparece em primeiro lugar a composição inaugurada por uma cantiga do conde do Vimioso, seguindo-se o conjunto textual começado por uma cantiga de Diogo de Meneses em louvor de Filipa de Abreu; no Manuscrito, a ordem destas duas composições coletivas é a inversa. Sendo esta a única série do *Cancioneiro Geral* inaugurada por Diogo de Meneses, é compreensível que seja ela a dar início a uma recolha das suas obras poéticas, independentemente de se tratar, ou não, de cópia de uma recolha autógrafa. Eis, resumidamente, a indicação das composições e respetiva localização no Manuscrito e no *Cancioneiro*:

MANUSCRITO	CANCIONEIRO GERAL ²
1) <i>Ryfam glosado por Dom Dioguo de Meneses A Senhora Dona Febya dabreu + Ajudas</i> [ff. 7r-21v]	1) <i>O craueyro dô dioguo de meneses aa senhora dona Felipa d'abreu + Ajudas</i> [ff. 145v-147v]
2) <i>A tres Damas que se foram hũa noyte do seram onde Dom Dioguo de Menezes estava + Ajudas</i> [ff. 22r-24v]	2) <i>Do conde do vynyoso a tres damas que sse foram hũa noyte do seram + Ajudas</i> [ff. 144v]
3) <i>De Jorge da Sylveyra a hũ propósito + Ajudas</i> [ff. 25r-32r]	3) <i>De Jorge da Sylveyra a huũ propósito + Ajudas</i> [ff. 149v-150r]
4) <i>De Symão de Sousa aa Senhora Dona Guyomar de Menezes + Ajudas</i> [ff. 32v-39r]	4) <i>De Symão de Sousa aa Senhora Dona Guyomar de Menezes + Ajudas</i> [ff. 153r-154r]
5) <i>De Symão da Sylveira a Lopo Fortado que mandou de castela hyndo de quaa hũ vilancete aa senhora dona joana Manuel + Ajudas</i> [ff. 39v-43r]	5) <i>De Symã da Silveyra a Lopo Furtado que mandou de castela hyndo de quaa hũ vilancete aa senhora dona Joana manael + Ajudas</i> [f. 182v]

Após este conjunto, seguem-se, no Manuscrito, 2 sonetos, 2 elegias e 1 soneto cuja autoria é também atribuída a D. Diogo de Meneses. Estes sonetos e

² Recorro ao exemplar da BNP que tem a cota RES-111-A, o qual está digitalizado: <https://purl.pt/12096>.

estas elegias são em castelhano, contrariamente ao que sucede com as composições coletivas também presentes no *Cancioneiro Geral*, nas quais predomina o português. São os seguintes:

—*Sonetos vários e a vários assumptos De Dom Dioguo de Menezes claveiro* (f. 43v): «Sy tanto pudo un canto doloroso» (44r) e «No es vida la que bivo pues da muerte» (44v).

—*Elegia primeira de Dom Dioguo de Menezes claveiro en que lamenta a sua estrela* (45r): «Quando su escuro manto y tenebroso» (45r-48v).

—*Elegia 2 de Dom Dioguo de Menezes claveiro. A Nisa* (49r): «Anda un paso tras otro Nisa hermosa» (49r-51r).

—Outro soneto, sem título que o introduza: «De que vitoria combatiente humano» (52r).

Estranha-se que a figura de D. Diogo de Meneses, que dificilmente poderá considerar-se um poeta maior, tenha suscitado interesse no século XVIII, um século que, aliás, não parece ter valorizado a poesia do *Cancioneiro Geral*. É também muito estranho, no mínimo, que se lhe atribua a autoria de sonetos e elegias, formas certamente nunca praticadas por autores portugueses nos finais do século XV e nos primeiros anos do XVI. Contudo, e como veremos, é precisamente nestas composições italianizantes que está a chave para compreendermos as características deste manuscrito.

Tentemos responder à pergunta que há pouco formulei: estamos perante um testemunho de materiais anteriores à compilação de Garcia de Resende ou, pelo contrário, depara-se-nos uma falsificação do século XVIII, criada com base no *Cancioneiro Geral* e outras recolhas poéticas? Embora subsista alguma margem para dúvidas, creio que a resposta correta a esta questão é a segunda.

Atentemos, antes de mais, na datação. Como vimos, o Manuscrito apresenta-se como sendo cópia direta e fiel de um outro, autógrafo, datado do ano de 1508, tendo os poemas nele presentes sido compostos dez anos antes, em 1498. Certos factos impedem-nos, porém, de aceitar estas afirmações. Deixemos de parte, para já, as peças italianizantes e concentremo-nos nas composições coletivas presentes também no *Cancioneiro Geral*, únicas, na verdade, que poderiam ter sido escritas e/ou compiladas nos anos indicados. Apesar das dificuldades em datar estes e muitos outros poemas do *Cancioneiro Geral*³, há pelo menos dois presentes no Manuscrito que dificilmente terão sido produzidos, na forma como os conhecemos, antes de 1508, muito menos em 1498. O primeiro é o número 2 (segundo

³ A contextualização histórica dos autores e composições presentes no *Cancioneiro Geral* e respetiva datação pouco avançou desde o trabalho clássico de Anselmo Braamcamp Freire, infelizmente incompleto (Freire, 1907 e 1908; Frazão, 2012: 41-44). Ultimamente, estes aspetos, entre outros, têm sido estudados no âmbito do projeto «ECO: poesías e poetas do *Cancioneiro Gerab*», dirigido por Cristina Almeida Ribeiro.

a ordem do Manuscrito e a numeração da tabela *supra*), introduzido pela rubrica *A tres Damas que se foram hũa noyte do seram onde Dom Dioguo de Menezes estava* (22r) e iniciada por uma cantiga introduzida pela epígrafe: *Ryfam do conde do Vymyoso Dom Francisco de Portugal* (22r). Embora estes paratextos não tenham correspondência literal com os respetivos do *Cancioneiro Geral*, apesar da evidente proximidade (*Do conde do vymyoso a tres damas que sse foram hũa noyte do seram* e *Ryfam do conde*), o mais importante aqui é a alusão ao título de conde do Vimioso, o qual foi criado somente em 1515 (Tocco, 1999: 13) e não podia, por isso, constar nem de uma composição de 1498, nem de uma cópia de 1508. A segunda obra coletiva que não pode ter sido escrita nas datas indicadas é a número 5. Neste caso, a rubrica que introduz este conjunto de textos é igual no *Cancioneiro Geral* e no Manuscrito. E é nesta epígrafe que encontramos um elemento-chave para invalidar a suposta datação de 1498/1508. Refiro-me ao nome da personagem que esteve na origem desta série de versos: «Lopo Furtado». Percebe-se, pela leitura do paratexto, do mote em castelhano que lhe é atribuído⁴ e de alguns versos das ajudas⁵, que Lopo Furtado era um espanhol que, após uma estadia em Portugal, voltou a Espanha, de onde enviou um vilancete a D. Joana Manuel (filha do conhecido D. João Manuel), vilancete esse que motivou este conjunto de versos. A conjugação destes elementos permite-nos identificar esta figura com Lope Hurtado de Mendoza, que chefiou uma embaixada a Portugal no ano de 1511 (Faria, 2016: 133)⁶, data provável desta composição que, por isso, não terá sido composta em 1498, sequer em 1508. De resto, a mesma existência de rubricas no Manuscrito, a proximidade com as do *Cancioneiro Geral* e as referências que nelas são feitas a D. Diogo de Meneses são, por si só, razões que tornam difícil aceitar estarmos perante uma cópia de uma recolha autógrafa; e mais ainda se admitirmos, com uma parte da crítica, que as epígrafes do *Cancioneiro* se devem a Garcia de Resende, e não aos autores das composições (Botta, 2018). Outro dado que aponta para o facto de estarmos perante uma cópia do *Cancioneiro Geral* e não de uma compilação autógrafa prévia é uma particularidade presente na cantiga de D. Francisco de Almada, «Quem quiser levar caminho», a qual faz parte da composição coletiva número 1 (f. 19v do Manuscrito). Os versos 4 e 5 desta

⁴ «De la tierra donde vine / vy mas bien que pude ser / alhaa me quiero boluer». Será uma adaptação de um vilancete castelhano: «De las sierras donde vengo / vi tal hato y tal plazer / allá me quiero bolber» (Dias, 1978: 244).

⁵ Nomeadamente nos seguintes versos de João Rodrigues de Sá de Meneses: «serdes messageyro amigo» e «em nom leuar a castela / de caa mays que nossa lingoa / e leuar tam pouco dela». Estes versos são comentados em Tarrío, 2001: 157-170.

⁶ Este mesmo mote aparece atribuído, de forma mais explícita, ao «embaixador Lopo Furtado» no chamado *Cancioneiro de Corte e de Magnates*, manuscrito da Biblioteca Pública de Évora (Vasconcelos, 1885: 45, 746). Não se confunda este indivíduo com o homónimo, e mais conhecido, embaixador de Espanha em Portugal no tempo de D. João III, pois esse nasceu em 1499 (Montero, 2014: 50).

cantiga («Poys he certo caguostinho / Sembaraçou na trindade») estão sublinhados pela mão que copiou o texto; na parte inferior da página, essa mesma mão deixou a seguinte nota, relativa a esta passagem: «os versos dos pontinhos forão proibidos pela Santa caza querendose empremir». Esta circunstância está, certamente, relacionada com a censura de que o *Cancioneiro Geral* foi alvo em 1581 e, sobretudo, em 1624, no *Index auctorum damnatae memoriae*, no qual são assinalados dezenas de versos proibidos (Freire, 1921). Por via disso, vários exemplares do *Cancioneiro* sofreram retrospectivamente as consequências da elaboração desta lista, tendo sido neles rasuradas ou de alguma maneira delimitadas as passagens censuradas. Os trechos de D. Francisco de Almada atrás apontados estão nesse caso, e no exemplar do *Cancioneiro Geral* que venho utilizando (como em vários outros conhecidos), já foram riscados (f. 147r). Uma explicação plausível para as características do Manuscrito neste ponto é a de que seja cópia de um dos exemplares do *Cancioneiro Geral* em que, seguindo as determinações do *Index* de 1624, esses mesmos versos foram assinalados.

GÊNESE E CONSTITUIÇÃO DO MANUSCRITO. O MANUSCRITO E O *CANCIONEIRO DE LUÍS FRANCO CORREIA*

Estaremos, assim, perante um derivado tardio do *Cancioneiro Geral*, e não de materiais prévios à compilação deste. Mas, para percebermos melhor a gênese e a constituição do Manuscrito devemos atentar nas restantes peças que o compõem, que são, como atrás disse, uma vida do autor e cinco composições italianizantes.

A anónima *Vida do autor*, tipo de paratexto muito em voga no século XVIII, é constituída por dois conjuntos de informações: por um lado, fornece dados biográficos sobre D. Diogo de Meneses; por outro, enaltece as suas qualidades de poeta. Estas duas partes têm origens diferentes. As informações biográficas são, quase todas, retiradas da *Biblioteca Lusitana* de Diogo Barbosa Machado, como o demonstra o seguinte cotejo:

VIDA DO AUTOR, MANUSCRITO (ff. 3 e 5v)

Dom Dioguo de Meneses nasceu em Lisboa em o anno de mil quatrocentos oitenta e dous. [...] Foi filho de Dom Fernando de Menezes a quem chamarão o narizes o desnarigado por lho terem cortado os mouros em huma batalha na guerra de Africa em Tangere, onde se portou cõ todo o valor, e de Dona Izabel de Castro filha de Dom Diogo de Castro e Menezes capitão da cidade de Évora. Foi fidalgo da casa rreal, claveiro da Ordem de Christo e nela comendador [...] Cazou com Dona Cecilia de Sequeira filha de João de Menezes Lopes de Siqueira.

BIBLIOTECA LUSITANA (Machado, 1752, I: 677-678)

D. DIOGO DE MENESES, Claveiro da Ordem de Christo, filho de D. Fernando de Menezes, chamado *o Narizes*, por lho dividirem em dous os Mouros, em hum combate de Tangere, e de D. Isabel de Castro, filha de D. Diogo de Castro, capitão da cidade de Évora. Casou com D. Cecilia de Siqueira, filha de João Lopes de Siqueira, de quem teve descendencia.

A aproximação é quase literal. E, nos raros momentos em que a *Vida* não acompanha factualmente Barbosa Machado quanto à biografia de Diogo de Meneses, erra, assim denunciando a fragilidade, ou talvez mesmo a inexistência de fontes alternativas. Sucede isso, nomeadamente, com a afirmação de que o craveiro nasceu em 1482, oito anos depois da data correta (*vid. supra* n. 1).

A parte dedicada a exaltar as excelências de Diogo de Meneses e da sua poesia tem, contudo, características diferentes. É, visivelmente, fruto da inventiva retórica do autor da *Vida* (talvez o próprio copista, como já disse), que se limita a glosar e amplificar duas ou três ideias básicas, especialmente o contacto do craveiro com a língua e a cultura espanhola, latina e (sobretudo) italiana, a sua destreza com diferentes artes e saberes e o reconhecimento das suas qualidades pelos contemporâneos, tal como ressalta do seguinte excerto:

Estodou com toda aplicação a lingoa italiana, a lingoa castelhana, a lingoa latina, e mathematicas, e as rregras da poesia, em que sahio hum dos bom do seu seculo. Viajou pela Italia onde conversou com os milhores Poetas e sábios daqueles paizes, que então erão os mais ilustrados de toda a Europa. Na mesma Italia istodou Musica e foi nela tão eminente que muitas vezes foi ouvido das pessoas rreais (ff. 3v-4r).

Parece evidente que frases como estas foram construídas a partir do conhecimento dos cinco poemas italianizantes (três sonetos e duas elegias) que, no Manuscrito, se seguem às composições coletivas presentes no *Cancioneiro Geral* e, como vimos, possivelmente copiadas dele. O autor da *Vida* terá elaborado uma ficção biográfica com especial atenção a elementos linguísticos e culturais que tornassem verosímil a composição desses textos através do contacto de Diogo de Meneses com os códigos e correntes poéticas neles atualizados. Dessa ficção fazia também parte o reconhecimento pelos contemporâneos, portugueses e não só, das qualidades do craveiro, tudo isto com o objetivo de enaltecer o autor cujas obras se propunha dar à luz. Esses cinco poemas são, portanto, a peça chave para a constituição da *Vida*. São eles que permitem a construção da personagem Diogo de Meneses, claveiro da Ordem de Cristo, grande e precoce cultor dos novos metros e formas vindas de Itália, construção que, por sua vez, sustenta e justifica a própria existência do Manuscrito. Mas como surgiu a associação dessas obras ao Diogo de Meneses histórico, representado no *Cancioneiro Geral*? A resposta a esta pergunta conduzir-nos-á a um outro cancionero.

Barbosa Machado termina o verbete dedicado a D. Diogo de Meneses, atrás referido, com as seguintes palavras: «Foy inclinado à arte da poesia de que deixou várias Obras, logrando unicamente do benefício da luz publica as que se lem no *Cancioneiro de Garcia de Resende*». Também estas palavras se refletem na *Vida do autor* presente no Manuscrito: «so nos restão alguns manoscritos pelas maons de rraros ou único corioso» (5v). O autor da vida terá rasurado propositadamente a alusão ao *Cancioneiro Geral*, de modo a enaltecer esta sua recolha

poética, seguindo o anúncio contido na portada: «Obras poéticas de Dom Diogo de Menezes o claveiro nunca the qui empresas». Não sabemos que «Obras» tinha em mente Diogo Barbosa Machado, mas é possível confirmar as suas palavras. Poemas de Diogo de Menezes, ou passíveis de atribuição a Diogo de Menezes, e não recolhidos no *Cancioneiro Geral* corriam efetivamente em manuscritos. A outro(s) Diogo de Menezes, todavia, que não necessariamente o claveiro da Ordem de Cristo e poeta do *Cancioneiro Geral*. E entre esses poemas estão, precisamente, os cinco italianizantes copiados no Manuscrito.

Indiquei atrás, na descrição geral do Manuscrito, que poemas são esses. Vejamos agora o que é possível apurar acerca da autoria de cada um deles. O soneto «Sy tanto pudo un canto doloroso» é, certamente, de Diego Hurtado de Mendoza, poeta castelhano (Berrio Martín-Retortillo, 1994: 303-305); dos restantes, «De que vitoria combatiente humano» é de Sá de Miranda (Michaëlis de Vasconcelos, 1885: 592), e «No es vida la que vivo pues da muerte» será de D. Diogo de Menezes (ca. 1520-1580), governador da Índia, contemporâneo de D. Sebastião e opositor a Filipe II. Quanto às elegias, «Quando su escuro manto y tenebroso» é atribuída a Diogo Bernardes no índice do *Cancioneiro do Padre Pedro Ribeiro* (Michaëlis de Vasconcelos, 1980²: 69), embora surja anónima em pelo menos um manuscrito, o Esp. 371 da BNF (f. 102), e «Anda un paso tras otro Nisa hermosa», em que aliás concorrem elementos paródicos, é de autor incerto.

Atendendo a estes dados, parece difícil de compreender como puderam estas composições ser atribuídas a D. Diogo de Menezes, claveiro da Ordem de Cristo. Mas sucede que todas elas estão copiadas num mesmo cancionero, e estão-no de forma que deixa perceber essa atribuição: terá sido esse cancionero a fonte do Manuscrito. Refiro-me ao COD. 4413 da Biblioteca Nacional de Portugal, usualmente designado por *Cancioneiro de Luís Franco Correia* (CLF) de acordo com o que se lê na portada, sobre cuja autenticidade, contudo, têm sido levantadas dúvidas: «Cancioneiro em que uão obras dos milhores poetas de meu tempo ainda não empresas e tresladadas de papeis da letra dos mesmos que as composerão [...] per luis franco correa companheiro em o estado da india e muito amigo de luis de camoens».

O mencionado códice contém uma das mais famosas recolhas poéticas manuscritas portuguesas do século XVI, e dele existe uma edição fac-similada (1972) bem como algumas excelentes, posto que nem sempre concordantes, descrições gerais, para as quais remeto quanto às suas características (Michaëlis de Vasconcelos, 1885: LX-LXV; Sena, 1980; Rodrigues, 2011). Esses cinco poemas estão copiados no CLF, com a seguinte localização: «Quando su escuro manto y tenebroso» (f. 90); «De que vitoria combatiente humano» (f. 117r); «No es vida la que vivo pues da muerte» (118r); «Sy tanto pudo un canto doloroso» (120r); e «Anda un paso tras otro Nisa hermosa» (195r). Por diferentes formas, todos eles acabaram por ser relacionados com um Diogo de Menezes. O copista do cancionero (Luís Franco?), que elaborou também um índice final, nem sempre

exato, não deixou muitas indicações de autoria; posteriormente, já na segunda metade do séc. XVIII, um anotador, ou diversos anotadores — a distinção não é fácil (Michaëlis de Vasconcelos, 1885: LXII; Sena, 1980: 147; Rodrigues, 2011)— associaram vários dos poemas inicialmente anónimos a determinado autor.

Vejamos o que sucede com estes cinco. «Quando su escuro manto y tenebroso» foi atribuído, pelo copista, a «dom d. de M» (*Epistola de dom d. de M*); no índice, este nome é desabreviado: «Epistola de Dom Diogo de Menezes» (f. 297r). A mesma situação ocorre com «Anda un paso tras otro Nisa hermosas»: intitulada pelo copista *Epistola de d. d. de M.*, o nome do autor está por extenso no índice: «Epistola de Dom Diogo de Menezes» (f. 297v)⁷. Alude, certamente, ao governador da Índia. Porém, o anotador setecentista viu nele outra figura, precisamente a do seu homónimo claveiro da Ordem de Cristo. Vê-se isso pela nota marginal que acompanha «Quando su escuro manto y tenebroso»: «D. Diogo de Menezes não anda empresas [*sic*] as suas obras senão algumas no cansoneiro de Resende edição .1516.». É muito provável que esta nota seja, por sua vez, baseada no verbete de Barbosa Machado que atrás comentei, dadas a cronologia e as semelhanças. Contrariamente a estes dois poemas, os três sonetos não foram objeto de atribuição por parte do copista Luís Franco; todos os três foram simplesmente intitulados «soneto». Tampouco há dados mais precisos no índice final, onde somente se anotou o começo da secção onde se incluem: «Varios sonetos» (f. 297v). Mas também aqui atuou o comentador setecentista: à margem de «Si tanto pudo un canto doloroso» e de «No es vida la que vivo pues da muerte» escreveu: «DM»; e, à margem de «De que vitoria combatiente humano» escreveu «S. M.», de forma, porém, facilmente confundível com «D.M.»⁸.

Ora, não podemos saber a quem tinha em mente esse anotador quando associou os referidos sonetos a um D. M. (Diego de Mendoza? Diogo de Meneses, o governador da Índia? Outro?), nem quais as suas fontes de informação. Em todo o caso, uma vez exaradas estas notas, seria fácil atribuir todas estas composições ao mesmo autor, que, conjugados os dados do índice com os das anotações marginais, seria Diogo de Meneses, poeta do *Cancioneiro Geral*. Foi isso que, a meu ver, fez o responsável pelo Manuscrito, COD. 13467 da BN: reuniu

⁷ A localização deste poema indicada pelo índice (f. 205) não corresponde à localização atual no *Cancioneiro* (f. 195), certamente por alteração ou perda de folhas, como se vê pela numeração dos fólhos, que apresenta uma foliação antiga, à qual, por vezes, se sobrepôs uma mais recente e diferente. O f. 195 é um desses casos.

⁸ Seria a Sá de Miranda a quem o anotador queria referir-se, devendo, porém, notar-se que a forma que utiliza, inequivocamente, para este nome é «S. Mir.» ou mesmo «Sa miranda», como se vê, por exemplo, nos ff. 114v e 116v.

os poemas atribuídos a D.M./Diogo de Meneses no *Cancioneiro Luís Franco Correia* com as composições coletivas do *Cancioneiro Geral* em que participou Diogo de Meneses, claveiro; recolheu em Barbosa Machado os dados biográficos básicos sobre este autor, e com base nisso e nos poemas italianizantes do *Cancioneiro Luís Franco Correia*, construiu a *Vida do autor*, procurando, ao mesmo tempo, enaltecer a antiguidade e o ineditismo desta sua recolha poética, que terá mesmo pretendido imprimir. Com tudo isto, criou uma ficção bibliográfica e uma personagem: D. Diogo de Meneses, claveiro da Ordem de Cristo, cultor exímio e, em Portugal, precoce das formas poéticas vindas de Itália.

Ficam por esclarecer a identidade do responsável pelo Manuscrito e as suas motivações profundas (se as teve). O contexto histórico-literário em que se movia era, porém, propício à busca de inéditos e à recuperação e reabilitação de autores do passado, o que por vezes conduzia a mistificações várias. Recorde-se, quanto a tudo isto, e nas décadas finais do século XVIII, a primeira edição das poesias de Pero de Andrade Caminha, o afã de António Lourenço Caminha em recuperar escritores ilustres esquecidos, ou mesmo o facto de Filinto Elísio ter forjado um manuscrito de *Os Lusíadas*, circunstâncias bem conhecidas, mas ainda não suficientemente estudadas ou interrelacionadas. A própria portada do *Cancioneiro de Luís Franco Correia*, de há muito alvo de suspeitas ainda por esclarecer cabalmente, poderá inserir-se aqui (e veja-se a semelhança com o conteúdo da portada do Manuscrito, quanto às referências ao ineditismo e origem autógrafa dos materiais e respetiva datação). O que o códice da BN que aqui trouxe à colação nos vem revelar é que também o *Cancioneiro Geral* teve a sua importância nesta, ainda mal conhecida, teia de receção e recriação do passado poético português (ou tal suposto) por parte de eruditos setecentistas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BERRIO MARTÍN-RETORTILLO, Pilar (1994): *El mito de Orfeo en el Renacimiento*. Tese de doutoramento, Madrid: Facultad de Filología, Universidad Complutense de Madrid.
- BITAGAP = *Bibliografía de Textos Antigos Galegos e Portugueses*, dir. Arthur L-F. Askins. The Bancroft Library, University of California, Berkeley, 1997-. Web: http://vm136.lib.berkeley.edu/BANC/philobiblon/bitagap_en.html [consulta: 20/07/22].
- BOTTA, Patrizia (2018): «A arte das rubricas no *Cancioneiro Geral*», em *Arte poética e cortesia*. O «*Cancioneiro Geral*» revisitado, coord. de Ana Maria Machado *et al.* Lisboa: Edições Colibri, pp. 105-140.
- Cancioneiro de Luís Franco Correia* (1972): *Cancioneiro de Luís Franco Correia 1557-1589*. Lisboa: Comissão Executiva do IV Centenário da Publicação de «Os Lusíadas».

- DIAS, Aida Fernanda (1978): *O Cancioneiro Geral e a poesia peninsular de quatrocentos. Contactos e sobrevivência*. Coimbra: Livraria Almedina.
- FARIA, Diogo (2016): «A diplomacia de D. Manuel I segundo um manuscrito da biblioteca britânica», *Fragmenta Historica*, 4, pp. 111-139.
- FRAZÃO, J. Amaral (2012): «Notas sobre os autores do *Cancioneiro Gerab*», em *Cancioneiro Geral de Garcia de Resende: um livro à luz da História*, coord. de Cristina Almeida Ribeiro e Sara Rodrigues de Sousa. Vila Nova de Famalicão: Edições Húmus, pp. 41-44.
- FREIRE, Anselmo Braamcamp (1901): *As sepulturas do Espinheiro*. Lisboa: Imprensa Nacional, pp. 41-42.
- FREIRE, Anselmo Braamcamp (1907): «A Gente do Cancioneiro», *Revista Lusitana*, 10, pp. 262-197.
- FREIRE, Anselmo Braamcamp (1908): «A Gente do Cancioneiro», *Revista Lusitana*, 11, pp. 311-344.
- FREIRE, Anselmo Braamcamp (1921): *A Censura e o Cancioneiro Geral*. Coimbra: Imprensa da Universidade.
- MACHADO, Diogo Barbosa (1752): *Bibliotheca Lusitana*. Lisboa: Oficina de Antonio Isidoro da Fonseca.
- MARTÍNEZ MONTERO, Jorge (2014): «La casa de Lope Hurtado de Mendoza en Burgos: nuevos datos sobre su proceso constructivo», *Llño. Revista anual de historia del arte*, 20, pp. 49-58.
- MICHAËLIS DE VASCONCELOS, Carolina, ed. (1885): *Poesias de Francisco de Sá de Miranda*. Halle: Max Niemeyer.
- MICHAËLIS DE VASCONCELOS, Carolina (1980²): *Estudos Camonianos. II. O Cancioneiro do Padre Pedro Ribeiro*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda [1^a ed.: 1924].
- OSÓRIO, Jorge (2005): «Do Cancioneiro “ordenado e emendado” por Garcia de Resende», *Revista da Faculdade de Letras do Porto. Línguas e Literaturas*, II Série, 22, pp. 291-335.
- RESENDE, Garcia de (1516): *Cancioneiro Geral*. Lisboa: Hermam de Campos.
- RODRIGUES, Dinah Moraes Nunes (2011): «Cancioneiro de Luís Franco Correia», em *Dicionário de Luís de Camões*, coord. de Vítor Manuel Aguiar e Silva. Lisboa: Caminho, pp. 207-211.
- SENA, Jorge de (1980): «Cancioneiro de Luís Franco Correia», em *Trinta Anos de Camões*. Lisboa: Edições 70, I, pp. 135-156.
- TARRÍO, Ana María (2001): «Tradução e nobilitação literária: uma estratégia não relativizadora no português quinhentista», *Euphrosyne*. Nova série, 29, pp. 157-170.
- TOCCO, Valeria, ed. (1999): *Poesias e sentenças de D. Francisco de Portugal 1.º Conde de Vimioso*. Lisboa: Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses.

- VASCONCELOS, António Maria Falcão Pestana de (1998): *As Ordens de Cristo e de Santiago no início da Época Moderna: a normativa*. Porto: Fundação Engenheiro António de Almeida.
- VASCONCELOS, António Maria Falcão Pestana de (2008): *Nobreza e ordens militares. Relações sociais e de poder (séculos XIV a XVI)*. Dissertação de doutoramento apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto.
- VITERBO, Fr. Joaquim de Santa Rosa de (1865²): *Elucidário*. Lisboa: Editor A. J. Fernandes Lopes, tomo I [1^a ed.: 1798].